

"Hello, mister", "Obrigadu barak" e "boa tarde": desafios da expressão lingüística em Timor-Leste

"Hello, mister", "Obrigadu barak" and "boa tarde": challenges of the linguistic expression in East-Timor

**Regina Helena Pires de BRITO
Neusa Maria Oliveira Barbosa BASTOS**

RESUMO

No período compreendido entre 1975 e 1999, o Timor-Leste vivenciou uma política de “destimorização” aplicada pelo dominador indonésio, que, no plano lingüístico, representou a inclusão de uma nova forma, manifestada na imposição da “bahasa indonésia” (variante do malaio), na minimização do uso da língua nacional, o tétum, e na perseguição do português. Em 1999, a Organização das Nações Unidas (ONU) chega ao território a fim de garantir a paz e iniciar a reconstrução do território, trazendo consigo o inglês, sua língua de trabalho (e que já se fazia presente devido especialmente à proximidade com a Austrália). Com a independência e a constituição da República Democrática de Timor-Leste, em maio de 2002, a língua portuguesa assume o estatuto de oficial, ao lado da língua tétum. Acrescente-se a esse painel, as outras dezenas de línguas locais ali faladas. Esta breve descrição permite delinear a situação multilingüística que é comum presenciarmos em Timor-Leste: somos saudados com “hello, mister/miss!” e com “bom(n) dia!”, pedem-nos “Perdua” (Perdão) , sorriem um “Obrigadu barak” (muito obrigado) e um sentido “Koitadu” (Que pena!) quando temos que partir. Apresentar aspectos da situação atual do português, sua relação com as demais línguas e perspectivas para a sua agilização em Timor-Leste é o que se propõe nesta comunicação.

Palavras-chave: língua portuguesa, lusofonia, sociolingüística, Timor-Leste.

ABSTRACT

From 1975 to 1999, East Timor lived a political period of “destimorization” carried out by the Indonesian dominator. In linguistic terms, it represented the inclusion of a new arrangement marked by the imposition of the Bahasa Indonesia (a variety of Malasian), in order to minimize the use of the national language, Tetum; it also introduced the discrimination of the Portuguese language. In 1999, the United Nations disembarked in the territory with the purpose of maintaining peace and initiating the reconstruction of the country; their officials took the English language with them, the language of work (English had previously been present there due to the proximity of Australia). After the Independence and the constitution of the Democratic Republic of East-Timor, in May 2002, Portuguese undertook an official language status, side-by-side with Tetum; not counting that in addition to this panel, dozens of other local languages went on being spoken there. This brief explanation allows us to outline the multilingualism found in East-Timor: we are greeted with “Hello, mister/miss!” as well as “Bom(n) dia!” (Good morning!); they apologize saying “Perdua” (Perdão), (I am sorry); they smile at us stating “Obrigadu barak” (Thank you); and murmur “Koitadu” (What a pity!) when we have to leave. Introducing different aspects of the present situation of the Portuguese language, its relation with the other languages and the future perspective for its activation in East-Timor is the aim of this presentation.

Index Terms: East Timor, lusophony, portuguese language, sociolinguistics.

Verdade

*Ergue-te e caminha
em busca da tua libertação.
Luta para que seja livre
do bárbaro jugo do esfomeado gigante,
que te quer sorver o sangue,
que te quer espezinhar e exterminar.
Luta para que voltes
a ser senhor da tua riqueza,
do teu paterno ninho,
do teu próprio destino...
Luta contra teu feroz inimigo
sem desfalecer,
até à gota derradeira
do teu valioso suor e ilustre sangue:
luta até raiar a hora da liberdade
e do contentamento,
calcando os escombros
da sua cruel tirania e bárbara opressão.*

(Xanana Gusmão)

Introdução

A ilha de Timor situa-se entre o sudoeste asiático e o Pacífico sul, a 500 km da Austrália, e é uma das ilhas mais orientais do arquipélago indonésio, no grupo das pequenas ilhas Sunda. Divide-se em Timor-Oeste (a parte indonésia) e Timor-Leste, ocupado de 1975 a 1999 pela Indonésia. Timor-Leste tem cerca de 480 km de comprimento e 100 km de largura no seu ponto mais largo. O país tem a área de 18.899 km², sendo constituído pelo enclave de Oe-Cusse (na costa norte de parte ocidental), pela ilha de Ataúro (a 23 km de Díli), o ilhéu de Jaco (separado por canal da ponta leste) e a metade oriental da ilha de Timor. Historicamente, Timor-Leste foi uma colônia portuguesa desde o século XVI; esteve ocupado pelo Japão durante três anos, na altura da Segunda Guerra Mundial, foi invadida pelos australianos (1942) e cenário da invasão da Indonésia, num incursão de dezembro de 1975 até 1999, quando as forças de paz das Nações Unidas chegaram ao país.

Nesse último período de invasão, durante duas décadas e meia, com raras oportunidades para empregar a língua portuguesa em quaisquer modalidades, o povo timorense lutou em defesa de seu território e de sua liberdade. São conhecidas as alusões quanto ao uso do português como língua de resistência, sendo citadas diversas inscrições em muros escritas em português, durante a época da resistência, muitas das quais ainda hoje são visíveis, como a que fotografamos em um muro no Distrito de Manatuto:



**Na ponta de
minha baioneta
escrevei a história da
minha libertação**

Junho/2001. Foto: Regina Brito.

Com a chegada da força de paz internacional e o início da Administração Transitória das Nações Unidas (UNTAET)¹, Timor Leste começou a sair de uma época em que falar português poderia ser sinônimo de morte. Nesse contexto, se no novo país tudo está em reconstrução — das casas à identidade do povo, da organização da Nação ao papel de cidadão — a revitalização da língua portuguesa reveste-se de papel fundamental de resgate de valores sócio-histórico-culturais:

A opção política de natureza estratégica que Timor-Leste concretizou com a consagração constitucional do Português como língua oficial a par com a língua nacional, o tétum, reflecte a afirmação da nossa identidade pela diferença que se impôs ao mundo e, em particular, na nossa região onde, deve-se dizer, existem também similares e vínculos de carácter étnico e cultural, com os vizinhos mais próximos. Manter esta identidade é vital para consolidar a soberania nacional. (Xanana Gusmão²).

Em 2001, quando estivemos em Timor-Leste pela primeira vez³, era comum ouvir de timorenses declarações de apego à língua portuguesa:

Foi a língua portuguesa que os nossos dirigentes usaram para contactar um ao outro, no interior e no exterior; isto é, nos países amigos da língua oficial portuguesa para

¹ Lembremos, aqui, do brasileiro Sérgio Vieira de Mello (Alto Comissário para os Direitos Humanos da ONU), representante maior das Nações Unidas em Timor-Leste durante o período de administração transitória. Pela excelência da administração do então território, Vieira de Mello foi enviado especial da ONU no Iraque no pós-guerra com os Estados Unidos. Foi morto em atentado no dia 19 de agosto de 2003, enquanto trabalhava no seu escritório, no prédio das Nações Unidas, em Bagdá.

² Alocução do Presidente Xanana Gusmão, proferida em Brasília, no dia 1 de agosto de 2002, durante a IV Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Disponível em: <www.cplp.org/noticias/ccegc/di7.htm> [p. cap. em 03/08/02].

³ Em 2001, esteve Regina Brito em Timor-Leste acompanhando a equipe de docentes brasileiros responsáveis pela implantação do Projeto Alfabetização Comunitária. Posteriormente, então como membro do Instituto Nacional de Lingüística daquele país, passou a desenvolver pesquisas acerca da variedade do português timorense. Em 2004, colocou em execução o Projeto Universidades em Timor-Leste, ao lado de Benjamin Abdala Junior (USP) e Benjamin Corte-Real (UNTL-Timor-Leste), numa ação bilateral, envolvendo instâncias governamentais e acadêmicas de ambos os países. Esse projeto é um programa pedagógico-cultural para difundir e sensibilizar os timorenses para a comunicação e a expressão em português, em conformidade com a política nacional de cooperação entre os países de língua portuguesa, utilizando-se, neste caso, da canção popular brasileira como motivação didática. O projeto, que é um convênio entre três universidades brasileiras, a UNTL e o INL, foi submetido à apreciação das autoridades timorenses em outubro de 2003. Baseado em pesquisas de carácter sociolingüístico realizadas junto à população timorense, o projeto envolveu a preparação, deslocamento, fixação e acompanhamento de um grupo de 19 universitários brasileiros, no período de agosto a dezembro de 2004. Das aulas (ministradas diariamente em vários locais e em diferentes horários), participaram, do início ao fim, oficialmente, quase 600 timorenses, dos 7 aos 70 anos. Ressalte-se que, além do desenvolvimento das atividades didáticas, os monitores brasileiros freqüentaram, como alunos, aulas de língua tétum e de cultura timorense, para facilitar a aproximação com o público e para vivenciar as semelhanças lexicais entre o português e o tétum. Com o apoio do Governo Federal Brasileiro, o Projeto Universidades em Timor-Leste foi patrocinado pela *INFRAERO – Aeroportos Brasileiros*.

convocar a SOLIDARIEDADE. Por isso, não há razão nenhuma de rejeitar a adoção da língua portuguesa como nossa língua oficial porque não estamos a andar sozinhos... (comentário de timorense do Distrito de Cova Lima, Timor-Leste, 2001).

Não foi por acaso que, por decisão do Congresso do Conselho Nacional de Resistência Timorense, em 29 de agosto de 2000, o português foi declarado língua oficial de Timor Loro Sae, nas palavras de Xanana Gusmão: “Tendo em mente a nossa história, nós devemos fortalecer a nossa língua materna, o tétum, disseminar e aperfeiçoar o domínio da língua portuguesa e manter o ensino da língua Indonésia”.

Em 2004, pudemos coletar muitos registros de apego à comunicação em língua portuguesa da população timorense (especialmente da parcela jovem, aquela que mais sofre atualmente pela proibição da educação em língua portuguesa durante os anos de dominação indonésia):

Para mim, a língua portuguesa é muito bonita, muito importante e assim como os nosso herança (riqueza) que a gente tem que desenvolver. Então quem amar do seu país tem que amar da sua Língua oficial, por isso que eu queria estudar muito com língua português com vocês. (depoimento de participante timorense do Projeto Universidades em Timor-Leste, Díli, 2004).

Em primeiro lugar eu quero dizer
Obrigado para vocês porque durante
O tempo vocês ensinar muitas coisas
Por nos através da língua português
Cultura musica e puisia de brasileira.
E eu espero que com nosso encontro
podemos dar uma coisa especial em nosso
coração de cada um.

Timor e Brazil
(comentário de participante timorense do Projeto
Universidades em Timor-Leste, Díli, 2004)

1 A situação lingüística

As dezenas de línguas originais do país pertencem à família das línguas austronésias (ou malaio-polinésicas) ou à família das línguas papuas (ou indo-pacíficas), diversidade lingüística que se explica principalmente

pelo fato de Timor ter sido parte de rotas de migrações várias. Como língua integradora dessas línguas, fala-se o **tétum**, reconhecido oficialmente como língua nacional a partir de outubro de 1981. Essa língua apresenta-se de duas formas: como língua materna de algumas regiões e como forma veicular na generalidade do território. Contudo, antes mesmo da chegada dos portugueses, o tétum já era a língua franca, falada pela tribo dos beloneses, a mais poderosa do lugar. Mais tarde, a adoção do tétum como língua oficial da Igreja Católica de Timor foi, em grande medida, responsável por essa rápida propagação, adoção e efetiva utilização pelos timorenses.

Convém lembrar que o modelo de colonização lusitana, em que se destacam o processo de miscigenação com os timorenses (que levou à assimilação de hábitos e valorização dos costumes locais), e a conversão ao catolicismo, dentre outros aspectos, contribuíram para a incorporação natural de estruturas sintáticas e de muitos elementos lexicais portugueses às línguas locais. Isto se deve, conforme atesta o lingüista timorense Benjamim Corte-Real⁴, à disposição de elasticidade do tétum para se enriquecer com novos conceitos e vocábulos provenientes do português.

Indiscutivelmente, a administração colonial privilegiava o português como língua de instrução, ensinada nas escolas (e, naturalmente, veiculando conteúdos da cultura lusa), que se empregava na modalidade escrita e nas atividades culturais e administrativas. No entanto, isso não impedia que, em termos de comunicação espacial e entre falantes de línguas maternas diferentes, o tétum fosse usado nas situações cotidianas. Na verdade, a “parceria” das duas línguas estabeleceu-se sem que houvesse concorrência de alguma outra vernacular timorense, tornando-se importante fator de caracterização de ambas as línguas e, em última análise, de consciência e de identidade nacional, na medida em que significa diferenciação perante os

⁴ Ver a respeito Corte-Real e Brito, 2006.

povos vizinhos, contribuindo efetivamente para o enriquecimento da região em diversidade lingüística e cultural.

De modo geral, portanto, antes dos acontecimentos de 1974-75, a situação lingüística apresentava-se, segundo Thomaz (2002), em três níveis:

(1) o das *línguas locais* – veículos de comunicação nas diversas localidades, como o bunak, o kemak, o galole, etc;

(2) o da *língua veicular* – o tétum, funcionando como elemento de integração e conhecida como “tétum praka” (tétum praça), variante do tétum terik gramaticalmente simplificada e mesclada com elementos do português;

(3) o da *língua administrativa* – o português – única língua normalmente escrita, que também exercia uma função integradora, no tocante à camada dirigente e ao ambiente letrado. (THOMAZ, 2002, p. 140-4)

Diversamente do que se observou em muitos países na época de descolonização, em 1975, em Timor-Leste observava-se uma certa unidade lingüística, garantida, como dissemos, pelo uso do tétum. Além disso, apesar de criticar o colonialismo salazarista, tanto a Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente (Fretilin – o partido mais revolucionário contra o colonialismo português) quanto a Apodeti (favorável à indexação pela Indonésia) — além dos outros três partidos políticos de 74-75 — continuaram a “[...] valorizar a língua portuguesa como elemento ancestral e integrado na cultura nacional” (HULL⁵, 2001, p. 37).

Durante o domínio indonésio, Timor-Leste sofreu brutal repressão, como tortura e assassinatos, e exploração, como trabalho escravo e semi-escravo, tendo sido mortos cerca de 300 mil timorenses. Com a política de “destimorização” aplicada, incluiu-se uma nova forma lingüística, traduzida pela imposição da bahasa indonésia (uma variante do malaio) como língua do ensino e da administração, pela minimização do uso do tétum e pela perseguição da expressão em língua portuguesa — provas de que o próprio regime da ocupação reconheceu o significado estratégico da língua portuguesa (e também da fé cristã católica e dos valores tradicionais

⁵ O lingüista australiano Geoffrey Hull é um dos maiores especialistas em tétum e línguas nativas de Timor, além de árduo defensor da oficialização da língua portuguesa em Timor-Leste.

timorense — elementos da especificidade identitária da metade oriental da ilha, que foram sempre os alvos das campanhas de ocupação).

Como resultado, atualmente, em termos lingüísticos, o país se apresenta como um intricado mosaico: além do tétum e das dezenas de outras línguas locais, os timorenses falam a bahasa indonésia e procuram se expressar em português. Estimativas⁶ apontam que as crianças em fase pré-escolar falam tétum (repleto de palavras provenientes do português), os adolescentes e adultos jovens utilizam-se do malaio e a geração com mais de 40 anos fala (ou traz na memória) o português; complementarmente, algumas pesquisas revelam que o português é falado por 20% da população de 800 mil habitantes. Segundo dados da ONU⁷, 70% da população de Timor-Leste é analfabeta e apenas cerca de 15% da população fala o português⁸.

Pelo lado dos “internacionais” ali presentes, percebe-se uma tentativa de estimular o uso da língua inglesa — que se percebe, na grande massa timorense, apenas em pequenas expressões, normalmente ligadas às saudações — de modo a “garantir” o desenvolvimento tecnológico. Essa insistência chega a questionar a escolha do português como língua oficial (ao lado da língua nacional, o tétum), procurando ditar as “vantagens” de o inglês ter esse estatuto. Não cabe aqui discutir esta questão em profundidade; no entanto, vamos apenas lembrar que a língua não é somente um instrumento de “economia e trocas comerciais”; é, antes, o meio de expressão cultural e identitária e de transmissão dos valores e sentimentos de uma comunidade. Além disso, uma língua que foi silenciada por mais de duas décadas e que se apresenta forte logo após a libertação deve representar um laço cultural profundo com a população timorense. Ou não?

⁶ Jornal Digital – Notícias dos Países de Língua Portuguesa (www.jornaldigital.com) – [p. capt. 16/04/2001].

⁷ Escrevendo as páginas do futuro. **Relatório de quatro anos de atividade. Programa Alfabetização Solidária**, DF, jan./1997 – dez./2000, p. 40.

⁸ Conforme atesta Thomaz (2002, p. 90): “Se aos alfabetizados que falam, lêem e escrevem o português juntarmos os analfabetos que melhor ou pior o falam, obteremos, quando muito, uma percentagem de 15 a 20% da população total.”

Com relação às línguas locais embora o tétum seja a língua de comunicação cotidiana, em algumas localidades, como, por exemplo, em Cova Lima (quase fronteira com a Indonésia, onde se fala também o bunak), a língua indonésia aparece com maior amplitude como língua veicular, conforme breve inquérito que realizamos *in loco*: de 30 timorenses, com idade entre 20 e 35 anos, 6 sabem se expressar (ainda que precariamente) em português, 11 em inglês, 28 em bahasa indonésia e 19 em tétum. Outros casos do uso concomitante de diferentes línguas: em *Ainaro*⁹, onde se fala o nogo-nogo e o mambae — utilizada somente em situação familiar e em especial pelos mais idosos — e que pertence à mesma família do tétum; em *Baucau* temos o uaimaa e o makassai; em *Lautem*, fala-se o falatuko, o makalere e o dagada; em *Bobonaro*, há o bunak e o kemak; em *Manatuto*, fala-se o galole; em *Viqueque*, aparece o naioti, o mediki e o oso-moko; no *Oe-Cusse* temos o baikenu e assim por diante.

De modo geral, o português¹⁰ aparece, na modalidade oral, truncado, reticente, praticamente construído em uma base lexical, ou seja, os usuários parecem “traduzir” diretamente palavras e categorias do tétum para as possíveis correspondentes portuguesas, sem preocupação com uma sistematização da estrutura morfossintática.

⁹ Cabe aqui um registro: em 2001, em visita à escola primária de Ainaro, mantida pela Igreja Católica, encontramos 4 salas, com uma média de 40 alunos por classe, com faixa etária variando entre 4 e 10 anos, num espaço físico quase nunca superior a 6 m². As crianças recebem noções de Língua Portuguesa utilizando material enviado por Portugal. O acesso às salas dos alunos maiores de 10 anos não foi possível no momento. Contudo, pudemos conversar com alguns desses alunos e apuramos que freqüentam aulas de língua portuguesa, tétum, bahasa indonésia e inglês. A bahasa indonésia, língua na qual foram alfabetizados, é utilizada como língua-instrumento para o ensino sistematizado do tétum (trabalhado apenas oralmente) e para a chamada “reintrodução” ou “revitalização” do português. Procura-se falar o inglês por toda a parte, por indivíduos de diferentes faixas etárias, em especial pelos jovens, seduzidos pela presença maciça dos estrangeiros, detentores de alto poder aquisitivo e símbolos de melhor condição de vida.

¹⁰ A descrição apresentada leva em conta falantes do português com idade superior aos 35 anos e é resultado parcial de análises que Regina Brito realizou em 2001 como lingüista do “Alfabetização Comunitária em Timor-Leste”. Tal participação levou-a a um levantamento bibliográfico e possibilitou a realização de pesquisa *in loco* (junho/2001 – seleção de alfabetizadores e agosto/2001 – curso de capacitação). Foram gravadas entrevistas com candidatos a alfabetizadores e com a população em geral (de diferentes faixas etárias, profissões e sexo). Analisou, ainda, textos produzidos pelos candidatos, no processo seletivo, e durante a capacitação, pelos alfabetizadores, além de outros elementos coletados (letras de músicas, receitas culinárias, jornais, anúncios publicitários, fotos com inscrições e cartazes).

No *plano fonético*, verifica-se dificuldade na articulação de alguns fonemas específicos do português, revelando interferência do substrato lingüístico local. As confusões mais recorrentes dão-se quanto aos fonemas do português que não encontram oposição fonológica no sistema do tétum ou em outra língua nacional (confusão de /p/, /f/ e /b/, redução das sibilantes e chiantes (/s/, /z/, /ʃ/ e /Σ/). No tocante à escrita, os textos recolhidos e analisados revelam problemas ortográficos, em geral decorrentes de questões relativas à oralidade.

Ainda quanto a esses aspectos, vale transcrever alguns resultados de pesquisa realizada por Brito e Corte-Real (2002), na qual os lingüistas procedem à análise de alguns elementos de natureza fonético-fonológica, a fim de verificar em que medida as dificuldades — ou “problemas” — ortográficos encontrados em textos escritos produzidos por timorenses revelam uma tendência a uma representação ortográfica que se pauta na expressão fonética, ou seja, procuraram mostrar aspectos da expressão oral dos indivíduos refletidos na sua produção escrita em língua portuguesa:

1) *Troca de Fonemas* – quando um mesmo segmento fônico (“sonoro”) pode ser representado por diferentes grafemas (“letras”), gerando a confusão gráfica: Brasileiros, por brasileiros; Comfiei, por confiei; Conciquencia, por conseqüência; Conclusão, por conclusão; Corajem, por coragem [...] ou quando ocorre uma transcrição da própria fala com trocas de fonemas motivados, provavelmente, pela interferência das línguas locais, como em: Biços, por bichos; Cefes, por chefes; Cegarmos, por chegarmos; Essistem, por existem; Fuziu, por fugiu; Hose, por hoje; Registe, por resiste; Xistema, por sistema; Xesta-feira, por sexta-feira; Zestu, por gesto.

2) *Troca de Letras* – quando a troca de grafemas não se apóia nas possibilidades de uso das letras prevista no sistema de escrita – ou seja, ocorre a escolha de uma letra que não tem nada a ver com a sonoridade que pretende representar: Lilierdade, por liberdade; Portucesa, por portuguesa; Propessero, por professores; Sepunda, por segunda.

3) *Supressão de Sílabas ou de Letras* – quando se verifica a ausência de sílabas (normalmente em palavras com três ou mais sílabas) ou de letras, provavelmente, reflexo da oralidade: Afabetição, por alfabetização; Aprentar, por apresentar; Dificulades, por dificuldades; Fretlin, por FRETILIN; Grantto, por garanto; Propia, por própria;

Regumento, por regulamento; Makina, por máquina; Respeto, por respeito; Secredo, por segredo; Sembleia, por assembléia; Terminada, por determinada.

4) *Juntura ou Segmentação de Palavras* – quando o texto reflete os critérios que o indivíduo utiliza na fala, ou seja, como na língua oral não existe separação de palavras, duas situações podem ser verificadas: **A)** juntura ou junção de palavras: Afim de, por a fim de; Aseguir, por a seguir; Avotar, por a votar; Demanhã, por “de manhã”; Outravez, por outra vez; Tende, por tem de; **B)** segmentação indevida de palavras: A Cima, por acima; A Manhã, por amanhã; Apre-nder, por aprender(a-pren-der); Em Frentar, por enfrentar; Gostariam-Nos, por gostaríamos. (BRITO; CORTE-REAL, 2002, p. 149)

No *plano morfológico*, dificuldades na declinação dos pronomes, na conjugação verbal e na flexão nominal (notadamente a omissão da marca de plural) — praticamente inexistentes no tétum, nas demais línguas locais ou na bahasa indonésia. No *plano sintático*, são comuns as impropriedades ligadas à sintaxe da regência, à ordenação frástica, à concordância (também em decorrência de ser categoria inexistente nas demais línguas de Timor) além de substituição do infinitivo pelo presente em formas perifrásticas (como *pode fala*, por “pode falar”). No *plano semântico*, são perceptíveis problemas ligados ao desconhecimento dos significados (o que se deve a um domínio vocabular restrito) e à dificuldade de construção de seqüências coerentes.

Considerações finais

Falar de línguas no espaço lusófono representa uma busca de integração entre unidade/variedade, o reconhecimento de que são muitos os grupos humanos “proprietários” da Língua Portuguesa, assumindo a noção de diversidade cultural como aspecto inerente a esse conceito. Recorrendo às palavras de Hull:

Se Timor-Leste deseja manter uma relação com o seu passado, deve manter o português. Se escolher outra via, um povo com uma longa memória tornar-se-á numa nação de amnésicos, e Timor-Leste sofrerá o mesmo destino que todos os países que, voltando as costas ao seu passado, têm privado

os seus cidadãos do conhecimento das línguas que desempenharam um papel fulcral na gênese da cultura nacional. (HULL, 2001, p. 39)

Neste sentido, o fenômeno lingüístico integra-se à prática social, à dinâmica comunicativa cotidiana, às necessidades discursivas da comunidade que partilha uma mesma realidade. Assim é que pensamos a revitalização do português *em* Timor Leste, (re)construindo a variante do português *de* Timor-Leste. Contudo, fazer projeções acerca do destino do português em/de Timor-Leste está na dependência dos caminhos políticos a serem efetivamente percorridos pela nova nação. Se assim for, pode-se vislumbrar que o português reencontrará em Timor-Leste o seu espaço como língua de cultura.

Referências bibliográficas

BRITO, Regina Helena Pires de (2002). **Reflexões sobre o português em Timor-Leste**. Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura, São Paulo, v. 2, p. 87-95.

_____ (2004). **A língua adormecida: o caso Timor-Leste**. In: BASTOS, N. M. (Org.) **Língua Portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: Educ/Fapesp. p. 319-329.

BRITO, Regina Helena Pires de; CORTE-REAL, Benjamim. **Algumas especificidades fonético-fonológicas da variante do português timorense**. VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN SOCIAL, 2002. Santiago de Cuba. Actas, v. 1. p. 147-151.

BRITO, Regina Helena Pires de; MARTINS, Moises de Lemos (2004). **Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português**. CIÊNCIAS A COMUNICAÇÃO EM CONGRESSO NA COVILHÃ. Covilhã, Universidade da Beira Interior. 12 p.

CORTE-REAL, Benjamin; BRITO, Regina Helena Pires de (2006). Aspectos da política-linguística de Timor-Leste: desvendando contracorrentes. In: MARTINS, M. L.; SOUSA, H.; CABECINHAS, R. (Eds.) **Comunicação e Lusofonia**. Porto: Campo das Letras. p. 123-131.

GUSMÃO, Xanana (2002). Alocução proferida em Brasília, no dia 1 de agosto de 2002. IV CONFERÊNCIA DE CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO DA COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2002. Disponível em: <www.cplp.org/noticias/ccecg/di7.htm>. Acesso em: 3 ago. 2005.

HULL, Geoffrey (2001). **Timór-Lorosa'e: identidade, lian no polítika edukasionál** (Timor-Leste: identidade, língua e política educacional). Lisboa: Instituto Camões.

NOTÍCIAS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <www.jornaldigital.com>. Acesso em: 16 abr. 2001.

THOMAZ, Luiz Filipe (2002) **Babel Loro Sa'e: o problema lingüístico de Timor-Leste**. Lisboa: Instituto Camões.

Autoras

Regina Helena Pires de Brito

Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras – NEL-UPM. Pesquisadora Associada do CELP-USP. Membro do Conselho Diretivo do Instituto Nacional de Lingüística de Timor-Leste
E-mail: rhbrito@mackenzie.br

Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos

Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras – NEL-UPM. Vice-coordenadora do IP-PUC-SP.
E-mail: nmbastos@terra.com.br

Como citar este artigo:

BRITO, Regina Helena Pires de e BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. **"Hello, mister", "Obrigadu barak" e "boa tarde": desafios da expressão lingüística em Timor-Leste**. Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.

Texto recebido em 04/2006

Texto aprovado para publicação em 06/2006

Sede da Edição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Av da Universidade, 308 - Bloco A, sala 111 – São Paulo – SP – Brasil – CEP 05508-040. Grupo de pesquisa: Acolhendo Alunos em situação de exclusão social e escolar: o papel da instituição escolar.

Parceria: Centro de Recursos em Educação Não-Formal de Jovens e Adultos – CRENF – FacEd – UEM – Prédio da Faculdade de Letras e Ciências Sociais – Segundo Piso - Gabinete 303 – Campus Universitário Maputo, Moçambique, África

Setembro de 2007/ Fevereiro de 2008 – Ano II – Nº. 003